

PACTO PELA VIDA DAS MULHERES INDÍGENAS

COP30 – Belém do Pará, Brasil, 2025



**Declaração das Líderes do Movimento da Aliança
Global de Comunidades Territoriais (GATC)**



Nós, mulheres indígenas da América Latina, da África e da Ásia, reunidas na COP30, elevamos nossas vozes pela vida, pelos territórios e pela Mãe Terra. Desde nossas comunidades, protegemos as florestas, os rios e as sementes com o conhecimento ancestral herdado de nossas avós. Somos guardiãs da vida, mas continuamos enfrentando violências, a exclusão e a desigualdade.

O **Pacto pela Vida das Mulheres Indígenas** é o nosso chamado ao mundo para reconhecer o nosso **duplo papel na crise climática**: somos **protagonistas de soluções** por meio de nossos saberes e práticas tradicionais, e ao mesmo tempo **as mais afetadas** pela destruição dos ecossistemas, pela perda dos territórios e pela violência agravada por essa crise.

Como contribuintes e portadoras de soluções, as mulheres indígenas restauram a terra, sustentam os sistemas alimentares, conservam as sementes nativas e protegem a biodiversidade. Nosso conhecimento tradicional são ciências ancestrais, transmitidas de geração em geração, uma tecnologia viva que fortalece a resiliência climática. Nós, mulheres, somos quem mantém o equilíbrio entre a vida e a natureza, quem transmite os valores de respeito e cuidado que conduzem a vida. É circular.

Mas também somos **as que mais sofrem os impactos da crise climática**. O impacto inicial é emocional e psicológico. Depois, enfrentamos confrontos, secas e incêndios, e a perda das florestas destrói nossas fontes de alimento e água. A crise climática aprofunda as desigualdades históricas e aumenta a violência de gênero nos territórios. Defender a vida não pode ser motivo de perseguição. Exigimos proteção integral e a implementação da CEDAW, da Recomendação Geral nº 39 e do Acordo de Escazú como um passo importante rumo ao reconhecimento político das mulheres defensoras, porque a segurança das mulheres também é a segurança da Terra.

Reconhecer nosso papel na ação climática significa **garantir nossa participação plena e efetiva** em todos os processos de governança climática e territorial. As decisões que afetam nossos povos devem ser tomadas conosco, e não sem nós. Nosso protagonismo é essencial para assegurar soluções justas, duradouras e baseadas na experiência de quem vive e cuida dos territórios.

Exigimos também **financiamento direto, sustentável e com enfoque de gênero e territorialidade** para as iniciativas lideradas por mulheres indígenas. Apenas uma pequena parte dos fundos climáticos chega até nós. É urgente aumentar o



financiamento destinado às mulheres para facilitar seu empoderamento real e fortalecer sua liderança na ação climática. Os recursos precisam chegar aos territórios, sem intermediários, para fortalecer as ações que já realizamos: proteger as florestas, restaurar ecossistemas, cuidar da água e garantir o bem-estar de nossas comunidades.

O fortalecimento de nossas organizações e redes é essencial para sustentar essa ação coletiva. Investir nas mulheres indígenas é investir na vida do planeta.

Nesse sentido, **nós, Mulheres do Movimento da Aliança Global de Comunidades Territoriais, subscrevemos a Declaração de Brazzaville**, adotada durante o Primeiro Congresso Mundial dos Povos Indígenas e Comunidades Locais das Bacias Florestais, convocado pela Aliança Global em maio deste ano. Nessa declaração, apoiamos as reivindicações das mulheres indígenas e destacamos a necessidade de que os Estados cumpram suas obrigações e compromissos internacionais.

Instamos os governos a cumprir a *Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (CEDAW)*, incluindo a *Recomendação Geral nº 39* sobre os direitos das mulheres e meninas indígenas. Relembramos o dever dos Estados de **promover e garantir nossos direitos à terra, aos territórios e aos recursos**, bem como nossa **inclusão na governança e na repartição justa dos benefícios** deles decorrentes.

Da mesma forma, o **Movimento de Mulheres da Aliança Global de Comunidades Territoriais** exorta aliados, doadores e governos a **priorizar a participação plena e efetiva das mulheres indígenas e das comunidades locais nas soluções climáticas e de biodiversidade**, reconhecendo nossa experiência e conhecimento ancestral como base para um futuro justo e habitável.

Hoje, desde Belém, reafirmamos que **proteger os direitos das mulheres indígenas é proteger o futuro do planeta**.

Convidamos o mundo inteiro a se unir ao Pacto pela Vida das Mulheres Indígenas, porque somente conosco será possível construir um futuro de justiça, equilíbrio e esperança para toda a humanidade.

